CORPUS

SUCESSÃO NA ASSEMBLEIA DE DEUS EM BELÉM DO PARÁ (1997): UMA ANÁLISE DOS ATOS RETÓRICOS

Saulo Baptista[1]

Resumo

Este artigo trata do processo de sucessão na presidência da Assembleia de Deus em Belém do Pará, ocorrida em 1997, quando um líder veterano trouxe "de fora" um líder da nova geração para substituí-lo na direção da "igreja-mãe" do movimento assembleiano no Brasil. É apresentado o contexto dessa mudança e como este pode ser configurado como uma *situação retórica*. Descreve-se a solenidade de posse do novo presidente e os *atos retóricos* correspondentes, como tentativas de solução do problema de *legitimação* criado pela escolha de um sucessor, em circunstâncias que fugiam às regras da tradição daquela igreja. Conclui-se com uma análise dos discursos e uma breve avaliação dos efeitos desses atos retóricos.
Palavras-chaves: Assembleia de Deus. Igreja-mãe. Liderança. Situação Retórica. Atos Retóricos. Análise do discurso. Legitimidade. Legitimação.

Abstract

This paper presents the process of presidential succession of the Assembly of God Church in Belém – Brazil, in 1997, when the veteran president has nominated a new generation minister to succeed him in leadership of main-church. Furthermore, this paper presents the context of this succession and how it may be configured as a "rhetorical situation". It also describes the ceremony of investiture of the new president of the Assembly of God Church and the corresponding "rhetorical acts" to solve the problem of legitimacy created by the choice of a successor when the rules of the church-tradition were broken. It concludes with an analysis of speeches and an assessment of the effects of these "rhetorical acts".
Key-words: Assembly of God. Main-church. Leadership. Rhetorical situation. Rhetorical acts. Analysis of speeches. Legitimacy.

1 Doutor em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo); Mestre em Sociologia (Universidade Federal do Pará); docente efetivo da Universidade Estadual do Pará.

Introdução

A Assembleia de Deus - AD em Belém do Pará, "igreja-mãe" de um dos ramos clássicos do pentecostalismo brasileiro[2], tem vivido complexo processo de mudança organizacional, na passagem de uma liderança tradicional, que a vinha conduzindo durante 29 anos, desde 1968 até 1997, personificada no pastor Firmino da Anunciação Gouveia, para uma liderança "moderna", trazida de Manaus, na pessoa do pastor Samuel Câmara.

A escolha de um sucessor que veio "de fora", somada a um conjunto de empreendimentos que esse novo líder vem implementando, desde sua posse, sem possuir a mesma história de relacionamentos no âmbito estadual, com pastores, diáconos e demais lideranças da igreja, tem trazido tensões na vida das comunidades e algumas vezes disputas acirradas nas eleições para a presidência da Convenção Estadual, onde um tipo de liderança tradicional é mantido pelo pastor Gilberto Marques de Souza, outro líder que o pastor Firmino Gouveia trouxe de Pindamonhangaba (SP), no final de 1978, tendo promovido, inclusive, sua ordenação a pastor no dia 1º de janeiro de 1979.

A estrutura de poder da AD no Pará era mantida sob controle e hegemonia do pastor Firmino, mesmo quando este não acumulava os cargos de presidente da igreja de Belém, a "igreja-mãe", com o de presidente da Convenção Estadual, visto que os ocupantes desta eram pessoas da sua total confiança e, na prática, se submetiam a suas determinações, como era o caso do seu pastor-auxiliar, Josias Camelo da Silva, presidente da convenção em 1985 e, ao mesmo tempo, vice-presidente da igreja de Belém. O pastor Gilberto Marques, que se mantém na presidência da convenção há alguns anos, embora sendo um líder com espaço próprio, sempre respeitou o seu mentor e procurava agir de comum acordo com ele.

Essa harmonia nas relações de poder, entre a igreja de Belém e a Convenção Estadual, foi perdida, a partir da posse do atual presidente da "igreja-mãe" em Belém, pastor Samuel Câmara. Neste artigo, faremos uma análise dos discursos que marcaram a despedida do pastor Firmino e a posse do pastor Samuel Câmara na presidência da igreja de Belém e concluiremos com uma breve avaliação desse processo de sucessão, atendo-nos apenas aos efeitos buscados com os referidos discursos.

2 As primeiras denominações pentecostais que se implantaram no Brasil foram: a Congregação Cristã no Brasil, em São Paulo (1910) e a Assembleia de Deus, em Belém/Pará (1911). Para informações mais detalhadas sobre as origens dessas igrejas, sugerimos, dentre outros, os seguintes estudos: Campos (1999), Campos Júnior (1995), Freston (1994 e 1996) e Siepierski (1999).

A transição

A AD de Belém ostenta uma história de relativa estabilidade organizacional. Trata-se de uma instituição que se consolidou muito cedo e se expandiu, nas primeiras quatro décadas, sob a direção de missionários norte-americanos de origem sueca, os quais, concomitantemente, iam preparando seus sucessores, arregimentados entre os convertidos brasileiros mais dedicados à instituição e com maior potencial de liderança.[3] Para ilustrar essa corrente sucessória, podemos observar o quadro de presidentes, com a duração de cada mandato:

Gunnar Vingren ..... 1911 a 1924
Lars Erik Samuel Nyström ..... 1924 a 1930
Nels Julius Nelson..... 1930 a 1950[4]
Francisco Pereira Nascimento..... 1950 a 1959[5]
José Pinto de Menezes..... 1959 a 1961[6]
Alcebíades Pereira Vasconcelos..... 6.3.1961 a 31.12.1968[7]
Firmino da Anunciação Gouveia..... 1968 a 1997[8]
Samuel Câmara..... desde 1997

O segredo dessa estabilidade da Assembleia de Deus está no modelo centralizado de controle do poder, na imposição de uma hierarquia, cuja legitimidade apela para argumentos de transcendência – o presidente e os líderes subordinados a ele são "os ungidos do Senhor" para exercerem o cargo que ocupam – e na disciplina rígida que se mantém entre líderes e liderados.

Estes ingredientes organizacionais explicam a longevidade dos mandatos dos pastores-presidentes. A gestão do pastor Firmino, de longe a mais longa de todas, forjou, por isto mesmo, ao longo de quase três décadas, um estilo segun-

3 Em 1913, apenas com dois anos de fundada, a Assembleia de Deus já contava com obreiros nacionais (Borges, 1997, p. 168).

4 Desde 1924 até 1930, Nels Julius Nelson já exercia o cargo de copastor, ao lado de Samuel Nyström.

5 De 1931 até 1950, Francisco Pereira Nascimento foi o copastor, junto ao presidente Nels Nelson.

6 Desde 1953, José Pinto de Menezes trabalhava como pastor-auxiliar de Francisco Nascimento. Segundo a história oficial da igreja, José Menezes, depois que assumiu a presidência, teve problemas de saúde, os quais o levaram a cumprir o mandato mais curto da história da AD de Belém. Mesmo assim, conviveu com o núcleo do poder central de 1953 a 1961.

7 De 26/6/1943 a 10/1/1946, Alcebíades Vasconcelos foi copastor de Nels Nelson. Portanto, convivia ao lado do presidente da igreja, o sueco Nelson, antes mesmo da assunção dos dois primeiros brasileiros que assumiram o pastorado da Igreja-mãe de Belém, Francisco Nascimento e José Menezes.

8 Foi pastor-auxiliar de Alcebíades Vasconcelos, desde 5/1/1965.

do a personalidade do seu líder, associado a ingredientes de uma dominação burocrática, no sentido weberiano.[9]

A era Firmino caracterizou-se pela expansão. Recebeu a igreja com 12 locais de culto e entregou-a com mais de 170 congregações espalhadas na área metropolitana de Belém. Foi, também, uma administração de grandes projetos. Construiu um templo gigante, com nave para cinco mil pessoas sentadas, e dependências para múltiplas atividades, como administração, música, educação religiosa, ação social, lazer, biblioteca, livraria, e ainda apartamentos, cozinha, frigorífico etc. Comprou uma rede de rádio e televisão, recorrendo a campanhas de arrecadação de fundos, principalmente através de milhares de carnês para pequenos contribuintes. A adesão dos membros a essas campanhas superou as previsões, possibilitando a aquisição de um imóvel, em ponto estratégico, próximo à entrada da cidade pela rodovia Belém-Brasília, onde foi construído auditório e instalações para grandes eventos de massa. É o chamado "Vale da Bênção", composto por edificações no meio de áreas verdes. Diariamente são feitos ali cultos e sessões de "cura divina". Nos anos 1970, foi construído um prédio com dezenas de salas de aula, onde funciona o Seminário Teológico da AD-Belém. Nesse mesmo imóvel foram instalados os estúdios e a torre de transmissão da TV Boas Novas.

Ao ingressar na mídia televisiva, o pastor Firmino estava inaugurando um processo de modernização que exigiu, desde o primeiro momento, estrutura física e administrativa, bem como equipe de profissionais, maiores e mais complexas do que a existente para administrar as frentes de trabalho convencionais de uma igreja. Ele percebeu isto e foi mais além em sua avaliação. Achou que era chegada a hora de iniciar o processo da sua própria sucessão e passou a procurar alguém que o substituísse na direção da igreja de Belém e dos novos empreendimentos midiáticos.

Em Manaus, já havia uma experiência maior na área de comunicação de massa, comandada pelo pastor Samuel Câmara. Era a Rede Boas Novas (RBN), composta de emissoras de rádio e televisão, além de canais de satélite (Jesus Sat). Neste contexto, dá-se o encontro dos dois líderes, quando o pastor Câmara

9 Para Weber, há três *tipos ideais* de dominação: o *domínio legal ou burocrático*, racional, impessoal, calcado em regulamentos e na legitimidade de chefes escolhidos na forma da lei; o *domínio tradicional*, baseado na crença dos seguidores na santidade das tradições e na eficácia dos costumes, e o *domínio carismático*, que se apoia nas virtudes do herói, seu caráter providencial e sua capacidade, que são venerados pelos seguidores; ele pode ser um demagogo, um estadista, um ditador, um herói militar, um revolucionário ou um guru religioso. Como são tipos ideais, eles não existem em estado puro, no mundo da vida (Weber, *in:* Cohn, 1991, p. 128-141).

foi a Belém, em setembro de 1996, para tratar de assuntos do sistema de comunicação RBN e firmar uma parceria com a igreja de Belém, nessa área. Na ocasião, o pastor Firmino fez uma sondagem ao seu futuro sucessor: *"O senhor está pronto para me substituir? O senhor aceitaria me substituir? 'Ele olhou para mim – revela o pastor Firmino – muito espantado e disse: – Eu não digo nem 'sim' e nem digo 'não'"* (Borges, 1997, p. 253, destaque no original). Segundo esse biógrafo, o fato se repetiu em outras três oportunidades.

> O pastor Firmino lhe pergunta outra vez: *"E aquilo que eu lhe falei...?"* Teve como resposta: *"Eu continuo dizendo nem 'sim' nem 'não'"*. Na terceira vez, referindo-se ao convite ele responde ao pastor: "Pastor Firmino, fica com Deus e com aquilo que Deus revelou ao irmão." Na quarta vez o pastor Firmino lhe pergunta de novo, e tem como resposta o seguinte: Eu já avisei a igreja de Manaus que posso sair a qualquer momento, mas o senhor, pastor, fique à vontade. A resposta aquieta e tranquiliza o coração do pastor Firmino Gouveia (Borges, p. 254, destaque no original).

Estes antecedentes da substituição do pastor Firmino pelo pastor Câmara caracterizam uma situação de fato que abrigava um certo potencial de problemas. As sucessões na presidência da AD de Belém se davam, historicamente, de forma "lenta, gradual e segura". O sucessor era geralmente nomeado copastor do pastor-presidente, cargo no qual permanecia por alguns anos, como se estivesse em estágio probatório, tempo em que assimilava as sutilezas do exercício desse poder. Devido a essa convivência e visibilidade perante o povo assembleiano, ele passava por um longo processo de credenciamento e legitimação, de modo que o rito de passagem da posse tornava-se uma solenidade homologatória, já esperada por todos.

No caso sob análise, Câmara era um líder "de fora", que vinha tirar espaço dos pretendentes locais. Ao receber e aceitar o convite para substituir o líder tradicional Firmino, sem que este tivesse elaborado um processo de transição em moldes assimiláveis pelos seus cortesãos paraenses, Câmara estava se tornando sujeito de uma situação incômoda. A este caso se aplica o conceito de *turbulência ambiental* da abordagem sistêmica das organizações. Segundo Tereza Halliday, "somente quando as condições ambientais preocupam ou ameaçam a organização é que elas são definidas como problemáticas e delas nasce uma 'exigência' de solução" (1996, p. 70). Estamos diante de um fato – uma sucessão – e de uma interpretação desse fato, compondo um quadro que exige solução, dentro da instituição Assembleia de Deus. "Somente quando uma situação incomoda, quando alguém a define como problemática e se importa com ela a ponto de sentir a premência de corrigi-la pelo discur-

so é que ela se caracteriza como situação retórica" (1996, p. 70). Essa *situação retórica* é definida pelo teórico da análise do discurso, Lloyd Bitzer, como: "um complexo de pessoas, acontecimentos, objetivos e relações provido de uma exigência que pode ser resolvida, no todo ou em parte, se o discurso introduzido na situação puder influenciar o pensamento ou a ação dos circunstantes de modo a efetuar-se uma mudança positiva dessa exigência" (*Apud* Halliday, 1996, p. 69).

A "exigência" mencionada trata-se de um problema com o qual a organização não pode conviver, sob pena de abalar, enfraquecer ou até perder sua *legitimidade*[10]. Os recursos a serem empregados nesses casos são *ações simbólicas*, "um conjunto de atos retóricos e atos administrativos com os quais porta-vozes e dirigentes procuram fomentar a crença na legitimidade organizacional" (1996, p. 68).

Essas ações simbólicas são "mediadas por símbolos linguísticos, pictóricos e outros, para promover ajustamentos ao ambiente (físico, social, ideativo) e/ou transformação nele" (1988, p. 125).

No caso da sucessão presidencial, que estamos analisando, as ações mais emblemáticas foram os discursos de posse e as demonstrações de apoio e solidariedade aos principais atores do processo. Como essas ações simbólicas estavam respondendo a demandas de uma situação retórica, elas corresponderam a *atos retóricos*. Segundo Karlyne Kohrs Campbell:

> um *ato retórico* é uma tentativa intencional, criada e elaborada para superar os obstáculos numa dada situação, com uma audiência específica, sobre determinada questão, para conseguir um determinado objetivo. Um ato retórico cria uma mensagem, cujo teor e forma, começo e fim são nela marcados por um autor humano, com um propósito, para uma audiência (*Apud* Halliday, 1988, p. 125).

Os atos retóricos

O último domingo de janeiro de 1997, dia 26, fora marcado para a despedida do pastor Firmino Gouveia do comando da "igreja-mãe" em Belém. Essa data vinha antecedida de muita expectativa. Muitos não acreditavam que ele fosse abrir mão do cargo, pois continuava com todo o vigor à frente das múltiplas atividades

10 "Legitimidade organizacional – a aceitabilidade de uma organização pela sociedade de acordo com os valores, necessidades e interesses dos grupos dominantes nesta mesma sociedade" (Halliday, 1987, p. 99).

da igreja, apesar dos seus setenta e dois anos bem vividos, como registra o "biógrafo autorizado", Jonas Borges (1997). Não obstante, ali estava o líder fazendo a sua peça oratória de despedida, diante de uma plateia que há décadas o ouvia e obedecia e tinha dificuldade de acreditar no que estava acontecendo, o último ato do pastor Firmino como pastor da igreja, antes de empossar o seu sucessor.

A solenidade de posse ocorreu no dia seguinte, segunda-feira, 27 de janeiro de 1997. Após algumas músicas executadas pelo coral, solista e bandas, o pastor Firmino apresentou as personalidades presentes, com destaque para o representante da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB), para os sogros do pastor Câmara e para os pastores que compunham o ministério da igreja de Belém. Em seguida, ele pediu paciência ao auditório, porque iria relatar experiências desde quando iniciou como missionário da igreja, em 1958, em Tocantinópolis (Goiás). Falou dos heróis da AD que influenciaram sua carreira. Do acidente de carro que sofreu, junto com o seu antecessor, pastor Alcebíades Vasconcelos, e como foi preparado desde aquele momento, quando estava hospitalizado, para ser o seu sucessor. Falou dos apoios que sempre recebeu como líder da AD no Pará. Mencionou sua breve permanência como missionário na Guiana Francesa. E concluiu sua alocução com uma pergunta que ele próprio respondia:

> *Por que estou saindo? Porque tenho um compromisso com Deus, que no dia que Ele me revelasse o meu substituto, o homem para administrar e apascentar esta igreja, eu tomaria a decisão sem consultar, nem carne nem sangue. Pois, se eu fosse consultá-los***,** diz à igreja, *vocês me diriam não... então queridos irmãos, é isso aí...* Virando para o seu substituto diz: *Pastor Samuel, o senhor recebe esta igreja como pastor, numa época em que está passando a melhor fase da sua história nesses 29 anos, porque eu não sei o passado. Paz na igreja, paz no ministério, amor e Espírito operando no ministério...* (Borges, 1997, p. 257-258, destaque no original).

Após vários agradecimentos, transfere a direção da solenidade ao pastor Anselmo Silvestre, representante da CGADB, que lê um texto do profeta Jeremias: "Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração, que vos apascentem com conhecimento e com inteligência" (Jeremias, cap. 3, vers. 15*, in:* Bíblia, 1991). Para o pastor Silvestre, esse texto se aplica aos pastores que presidiram a igreja de Belém, até aquela data. Termina com uma oração, encomendando a Deus o pastor Câmara, que estava sendo empossado. Ainda houve um discurso de uma senhora leiga, membro da igreja, exaltando as virtudes do demissionário. Ela leu Malaquias, cap. 2, vers. 5 a 7, e afirmou que ali estava o retrato do pastor Firmino. O texto lido foi o seguinte:

> Meu concerto com ele foi de vida e de paz; e eu lhes dei para que me temesse; e me temeu, e assombrou-se por causa do meu nome. A lei da verdade esteve na sua boca, e a iniquidade nunca se achou nos seus lábios; andou comigo em capaz e em retidão, e apartou a muitos da iniquidade. Porque os lábios do sacerdote aguardarão a ciência, e da sua boca buscarão a lei, porque é o anjo do Senhor dos exércitos (Bíblia, 1991).

Antes de introduzir a peça retórica do pastor Câmara, novo presidente empossado da AD de Belém, é importante lembrar que "pelo critério pragmático, a retórica é encarada como ação persuasiva, no sentido estrito, visando surtir determinados efeitos. Ao escolher este critério, o pesquisador crítico enfatiza a relação entre o ato retórico e seus objetivos, e pergunta até que ponto o ato foi *eficaz* em responder às necessidades do retor, da situação e da audiência" (Halliday, 1988, p. 130). *Retor* é "aquele que age retoricamente; comunicador que produz e/ou apresenta mensagens retóricas" (Halliday, 1987, p. 100).

O discurso do pastor Câmara teve como objetivo persuadir o público a acolhê-lo e somar esforços na condução da AD de Belém e de todas as frentes de trabalho do multiministério criado pelo pastor Firmino e seus antecessores. Ele estava diante de um *problema retórico*, uma situação desfavorável, "um conflito ou desequilíbrio entre a perspectiva ou posicionamento de um público face a um tema, questão ou situação e a perspectiva ou posicionamento que o retor gostaria que esse público tivesse" (Halliday, 1987, p. 100).

O ato retórico do pastor Câmara foi composto de várias partes. Abrangeu demonstrações de apoio, de prestígio, de solidariedade e do carinho que ele desfrutava das "ovelhas" que estava deixando no Amazonas; incluiu o reconhecimento ao trabalho da rede de comunicação que ele comandava, agora reforçada com o sistema de rádio e televisão da igreja de Belém e foi concluído com uma prédica, cujos tópicos procuravam resolver a situação retórica vivenciada pela Assembleia de Deus, como examinaremos a seguir.

Primeiro ele apresentou e agradeceu às autoridades do estado do Amazonas e do Pará, que estavam prestigiando a sua posse. Em seguida ele destacou os serviços de telecomunicação da *Rede Boas Novas* e dos canais de satélite *Jesus Sat*, que estavam naquele momento,

> levando 'ao vivo' para toda esta Nação, onde há possibilidade de ser sintonizada, especialmente para os estados do Amazonas e Rondônia e, também, para este Pará, através do rádio, da televisão, permitindo que o Brasil todo possa se juntar a nós, neste momento belíssimo, momento de união, momento de amor, momento de história, momento de vitória do povo do Senhor Jesus (Borges, 1997, p. 262).

Prosseguiu a solenidade, saudando uma caravana composta de 83 pastores, obreiros e outros acompanhantes, que o surpreenderam, vindos de Manaus, onde ele havia servido por cerca de dezesseis anos, nove desses como pastor da principal Assembleia de Deus da capital amazonense. Saudou seus pais, seus sogros, que se deslocaram do interior de São Paulo para a sua posse, alguns obreiros do interior do estado do Amazonas e alguns recém-convertidos da igreja de Manaus, todos reunidos para apoiá-lo. Disse ele:

> (...) este momento não é um momento de separação. É um momento de união, de entrelaçamento, de aliança. É um momento de pacto, em que nós ministros da Igreja Assembleia de Deus, que vivemos no norte do país, temos a chance de dizer que estas fronteiras tão diferentes, de dois dos maiores estados brasileiros, não são suficientes para nos separar, mas sim para nos unir, fazendo-nos vitoriosos, para que a gente possa dizer que, somos uma família só, em Cristo Jesus, o Filho de Deus (Borges, 1997, p. 264).

Quando se dirigiu aos seus colegas pastores de Belém, prestou-lhes reconhecimento e admiração pelo trabalho realizado e pressupôs que eles estavam coesos, em comunhão uns com os outros e com seus líderes na missão. "Sabendo que todos oraram e apoiaram o nosso pastor Firmino que, com segurança e bastante maestria e sabedoria de Deus, tem conduzido este momento de transição, do modo mais seguro possível" (1997, p. 264). Depois, fez menção especial ao copastor da igreja de Belém, Sales Batista, à esposa deste, "ao pastor Edes, que tem sido um excelente amigo cooperando na gestão logística da administração da Igreja" (1997, p. 264). A preocupação em quebrar os focos de resistência à sua pessoa como novo presidente estavam evidentes no discurso do pastor Câmara.

Falou que aquela era a noite de Deus, do Espírito Santo e da Igreja. Mas queria destacar que aquela era

> a noite de alguém que já venceu, de alguém que diante de nós caminhou 29 anos e ao contrário do habitual proceder no Brasil todo – com exceções, é claro – soube sentir a hora, o seu tempo. E, convicto disso, revela seu caráter cristão e, diante da Igreja diz: 'Meu tempo findou. Há alguém que Deus preparou'; e pôde, diante de todos vocês, fazer isto que está sendo feito neste momento (Borges, p. 265).

Como última parte desse ato retórico, passou a apresentar uma prédica com três tópicos, cujos fundamentos bíblicos foram os seguintes:

> Oh! Quão bom e quão agradável é viverem unidos os irmãos. É como o óleo precioso sobre a cabeça do sacerdote que desce até a orla de seu vestido. Como o orvalho de Hermon, que se espalha e desce sobre todos os que estão ao seu redor, por-

> que onde há união o Senhor ordena a sua bênção e a vida para sempre (Salmo 133).
> Mas o que ocorreu foi o que foi dito pelo profeta Joel. Acontecerá que nos últimos dias, diz o Senhor, derramarei do meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos mancebos terão visões, vossos velhos sonharão sonhos; e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e minhas servas naqueles dias, e profetizarão. E farei aparecer prodígios em cima, no céu; e sinais em baixo na terra, sangue, fogo e vapor de fumo (Atos dos apóstolos, cap. 2, versos 17 a 19).
> Porém o rei disse: não se alegra aquele que se cinge como aquele que vitorioso se descinge da batalha (I Reis, cap. 20, verso 11).

Começando pelo último texto, ele exaltou a figura vitoriosa do presidente que se despedia, pastor Firmino, e a si mesmo se identificou como aquele que estava sendo cingido para a batalha. Em seguida, falou:

> Meus irmãos amados! Estes três versos que transmitimos, saídos de nosso coração, em consonância com a palavra de Deus, representam os sentimentos que vemos nesta noite. O primeiro – de união, de intercâmbio, de parceria, de aliança, de pacto. (...) Estamos diante de um casamento indissolúvel, de duas Igrejas, dois líderes, que reconhecem que a família do Senhor Deus é tão grande e que precisa viver unida. (...)
> Hoje, nós colocamos abaixo as fronteiras das cidades, de gerações. Estamos dizendo, Senhor! Tu que olhaste a Igreja como um todo e colocaste o povo no meio dela. Tu que contas com ela unida, sem fronteira de estado, cidade, nem país, hoje te alegras com o pastor Firmino e com a Igreja em Belém, porque caíram as fronteiras do orgulho. Senhor! Bom é viver unidos os irmãos. É agradável, porque quando há esta união, o sacerdote é ungido e a vida e a bênção existem no meio do povo.
> Por isso, meus irmãos, hoje, não sei como, mas graças a Deus, aqui estamos. Não vim aqui tomar o lugar – como ele disse: alguém está dizendo. De jeito nenhum! Nós estamos unidos. Viemos aqui para fazer algo mais, não algo menos. Viemos aqui para que nossas forças – belenenses, paraenses – sejam reconhecidas. Forças capazes de poder influenciar outros lugares do Brasil, pela união e amor do Senhor. Nenhum ministro, nenhum pastor, nenhum diácono, nenhuma mulher é dispensável nesta hora, quando estamos unindo terra, unindo gente, unindo obra. Não temos como fugir disso. (...)
> Eu gostaria que vocês soubessem que nenhum de vocês é dispensável. Vocês têm uma parte importante: membros, jovens, crianças, anciãos da terceira idade, músicos, diáconos, dirigentes, mulheres, homens... Bom é vivermos unidos na graça do Senhor Jesus, o Filho eterno de Deus. E, se nós rompemos fronteiras, não só do egoísmo e, hoje estamos dizendo que é possível o Amazonas dar um pastor ao Pará ou o Pará dar um pastor ao Amazonas e as igrejas caminharem juntas em projetos que abalem o trono de satanás, então, estamos vivenciando essa união.
> O que o Amazonas sozinho não pode fazer, junto com o Pará, faz. O que o Pará sozinho não pode fazer, junto com o Amazonas, faz. Junto com o Maranhão, junto com o

Acre. Aliás, essa é a visão do Pai lá de cima. Ele está esperando esta hora. A primeira lição: 'união'. Hoje, eu agradeço vocês que vieram do Amazonas, porque é longe e muito cara uma passagem. Ninguém faria isso se no coração de vocês não tivesse o amor de Deus. (...)

A segunda lição desta noite é a lição de *recomeço.* Sabem os irmãos que nós estamos aqui, no berço do pentecostalismo no Brasil. Temos aqui a chamada Igreja-mãe. Temos o lugar do pioneirismo, onde, em 1910, dois homens sem nenhum tipo de recurso e de expressividade, desembarcaram no porto de Belém, ficaram numa praça (Praça da República), comeram algumas frutas que apareceram; pisaram nas ruas desta cidade. Eles nem viam nem sonhavam que a semente que lançavam, um dia iria atingir o Brasil e o mundo, como hoje sabemos. (...)

Fomos chamados para andar por essas mesmas ruas e viver nos mesmos tempos. Tempos bonitos, tempos novos. São tempos de recomeço, não tenho a menor dúvida. Hoje não somos apenas dois – os que aqui chegaram – somos 200 mil, aqui em Belém. (...)

O que está acontecendo aqui, meus irmãos, não é só isso. Aliás nem é 'isso'. O que está acontecendo aqui, de fato, é o resultado de uma promessa, saída da boca de Jesus, quando sozinho, com pouca gente ao seu lado, disse: *'Eu edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela'*. (...)

Esse texto que diz que o Senhor derramaria do seu Espírito sobre toda carne, é tido somente como 'o Senhor que batiza', 'o Senhor que dá línguas' e, às vezes – o nosso povo da Assembleia de Deus é batizado, tem dons, fala línguas, mas não respeita os jovens, não respeita as crianças. Os jovens, por sua vez, não respeitam os mais velhos. Os pastores antigos pensam que os mais novos são contra eles e, a desunião se estabelece, dando lugar ao ciúme.

O Espírito de Deus antes de ser um Espírito que batiza, é um Espírito de união e que quebra as barreiras. É um Espírito que junta crianças a um ancião, jovens e adultos e, ainda diz: Eu estou contigo; o que tu não podes fazer, eu faço; o que não quero fazer, deixando para ti, tu podes fazer... A maior lição do Espírito de Deus é a unidade da igreja, o pacto, a aliança. (...)

Juntos, todos nós, vamos fazer com que o inferno esqueça que é capaz de nos encher de espíritos que nos façam esquecer de que somos *uma igreja só*, comprovação essa que faz medo a todo exército satânico. Não faz medo ao inferno o batismo com o Espírito Santo**.** *O medo é de ver gente cheia de fogo e que, junte-se em uma fogueira que domine o mundo todo*. Isso sim faz medo ao inferno!

Estou chegando aqui para servir, para ver o que falta ser feito, para ser servo, para colaborar, para fazer essa união, o pastor junto com vocês. Eu particularmente, não sou absolutamente nada! Mas o Senhor Jesus é o nosso Senhor. Ele é tudo! Quando a gente está no meio da bênção do Senhor Jesus, nada, nada, nada mesmo nos separará.

Por isso, enfatizamos que estamos no recomeço. Belém do Pará foi o começo da obra pentecostal no Brasil. Aqui no norte tudo começou. Hoje, o norte está fazendo algumas loucuras santas e abençoadas. Sozinho somos esmagados. Mas, juntos, vamos fazer o que Gunnar Vingren, Daniel Berg e Samuel Nyström fizeram e que outros deram continuidade. (...)

> Nesta noite, amados irmãos, quero vos dizer uma coisa: quando saírem deste recinto, saiam e olhem para uma Belém, que tem um lugar alto, com um nome mais alto ainda, o nome de Jesus, lá na torre de nossa televisão. E, se perguntarem: quem colocou esse nome lá em cima?... Posso lhes afirmar que não foram os anjos, nem demônios. Foram os crentes da Assembleia de Deus em Belém! – Foram vocês todos. Sabem por quê? Porque vocês se juntaram, se uniram. Juntos, vocês levaram prodígios ao céu – no espaço. (...)
> Lembremo-nos que o pastor Firmino diz: a torre é de Jesus! A torre é bonita, maravilhosa... Vejam só! Lá no hotel, liguei a televisão. Não a televisão que não presta, mas a televisão 'Boas Novas', da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Belém do Pará. Estou lá no último andar e penso: Como é que o evangelho está chegando aqui, junto a mim? Como é que está saindo daquela torre de Jesus e chegando aqui? Quanto inferno, quantos demônios no meio do caminho estão sendo destruídos para que este evangelho através da televisão chegue até você?... Sabe de uma coisa, você pode pensar: são prodígios no céu. E mais: um dia, aqui no Norte, loucamente, sem dinheiro, sem nada, sentados um dia, juntos dissemos: vamos para o satélite – 30 mil quilômetros além da terra... Não tínhamos dinheiro, mas juntamo-nos ao pastor, dizendo – se você for eu vou! (...)
> E, agora, meus irmãos! Enquanto nós estamos aqui, está voando sinal para 30 mil metros, descendo para todo o Brasil, porque nos unimos, meus amados irmãos. (...)
> Eu estou chegando para plantar outras sementes. Mas, para cuidar, também, das sementes que foram plantadas por homens antigos, plantadas com lágrimas e sofrimentos.
> Citando estes homens, temos primeiramente Gunnar Vingren, que foi o primeiro pastor, tendo ao lado o outro pioneiro Daniel Berg; o segundo Samuel Nyström; o terceiro Nels Nelson; o quarto, Francisco Pereira do Nascimento; o quinto, José Pinto de Menezes, o sexto, Alcebíades Pereira Vasconcelos. E, com maior duração no pastorado, o sétimo pastor, Firmino da Anunciação Gouveia. Agora, estou vindo no desaguar do rio Amazonas, de Manaus, descendo este fabuloso rio. Descendo como num tronco de árvore, parando neste porto, de Belém.
> Agora minha oração a Deus é para que Ele me ajude a ser digno daquilo que esses homens fizeram, e passaram juntos com a igreja. (...)
> Amados! Autoridades que vieram de Manaus e meus irmãos. Eu fico, mas vocês vão prosseguir. Deus lhes abençoe muito. A vitória nossa aqui, será também de vocês e, a de vocês lá, será nossa aqui. Deus vos abençoe no vosso regresso, com o futuro pastor da vossa igreja que lá está. Contem conosco. Quero dizer mais que nesta noite, não estamos e nem viemos aqui, para uma sucessão burocrática e simples. Viemos aqui para a aliança do Senhor. A aliança da sua igreja, do seu povo (...) (Borges, 1997, p. 266-275, destaques no original).

Análise dos discursos

O pastor Samuel Câmara estava diante de um problema retórico com algumas facetas, como o bairrismo alimentado historicamente por paraenses e amazonenses, a tensão entre o antigo e o novo, as crises que toda mudança

provoca etc. Todavia, o problema retórico fundamental, que ele logo percebeu, foi a suspeição à sua legitimidade. Ele era aceito com reservas. Os paraenses o recebiam pelo respeito à decisão do seu líder tradicional, o pastor Firmino. O pastor Câmara não era *persona grata* no sentido pleno do termo.

Quando Tereza Halliday escreveu sobre a retórica das multinacionais em busca de legitimação (1987, p. 21-6) demonstrou que uma pessoa (ou organização) tem que apresentar credenciais, se pretende conseguir aceitação no ambiente em que vai atuar. Assim acontece com um diplomata ao se apresentar em outro país, com um vestibulando que pleiteia ingresso em alguma faculdade, com um candidato a uma vaga de emprego. "Credenciais são, pois, qualidades que dão crédito a quem as possui. 'Crédito' significa 'segurança na verdade de alguma coisa'. (...) As credenciais são instrumentos de legitimação" (1987, p. 21). A autora aponta sete tipos de credenciais que apareceram "no discurso autoafirmador das empresas multinacionais: sua identidade, seu *status*, suas realizações, capacidade, opiniões, sentimentos e objetivos" (1987, p. 21).

Nos atos retóricos realizados durante a posse do pastor Câmara, encontramos essa apresentação de credenciais. Isto aconteceu desde a evocação de experiências que o pastor Firmino fez, ao descrever o seu longo tempo de serviço na Assembleia de Deus. Sua identidade estava servindo agora para credenciar a medida tomada de escolha do sucessor. Se o povo assembleiano sempre confiara nele, que agora confiasse nessa última decisão, a escolha do sucessor, como a melhor solução que ele podia oferecer, tanto no que se referia ao momento como no que dizia respeito ao nome indicado.

O pastor Anselmo Silvestre, representante da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB), também usou o recurso da identidade, quando dignificou todos os presidentes da AD como pastores "segundo o coração de Deus" (Jeremias 3, p. 15). A senhora leiga (Pérola), que falou em nome dos membros da igreja, exaltou a pessoa do pastor Firmino, apresentando seu caráter, suas realizações e sua capacidade de lideranças como credenciais para justificar a grandeza daquela situação que estava sendo vivida pela instituição. Mas foi o pastor Samuel Câmara quem mais recorreu a esse instrumento de apresentação de credenciais naquele momento histórico. E não poderia ser de outro modo, pois era ele o pivô do problema retórico vivenciado pela Assembleia de Deus, naquele momento.

A fim de demonstrar seu *status*, como homem público, grande liderança religiosa e pessoa querida no seio da família, Câmara fez questão de reapresentar às autoridades paraenses e amazonenses, os pastores de outras igrejas, os

pastores do ministério da AD de Belém, a caravana de 83 pastores, familiares e amigos, que vieram de Manaus para sua posse.

Ele realçou sua capacidade e folha de realizações, quando deu destaque à rede de rádio e televisão sob seu comando, a mesma que estava transmitindo o evento para as emissoras da Assembleia de Deus espalhadas pelo Brasil. Associou a esse sistema de alta tecnologia uma metáfora. Quando a mensagem do evangelho sobe da torre da TV Boas Novas para o satélite, uma multidão de demônios é esmagada, nesses 30 mil quilômetros percorridos pelas ondas hertzianas. Para quem conhece o imaginário pentecostal, esse argumento deixa de ser metáfora e assume uma concretude de significado literal, ancorada na fé em um mundo povoado de forças demoníacas que estão em permanente batalha contra as hostes celestiais. A rede de comunicação ganhou outra metáfora, na mesma prédica: a de ser uma rede de união do povo assembleiano em todo o território nacional.

O retor[11] Samuel Câmara sintetizou seu objetivo à frente da igreja: "Fazer a obra do Senhor, em todo lugar". Isto iria acontecer com a união de todas as forças da AD do Pará, do Amazonas e de outros lugares. O modelo invocado para a consecução dessa obra foi o dos heróis fundadores e dos que formavam a cadeia sucessória na presidência da igreja-mãe em Belém.

Toda sua peça de oratória foi construída sobre os sentimentos: de gratidão e reconhecimento ao líder que saía, de fraternidade e comunhão de toda a "família" assembleiana, de exaltação aos heróis que construíram a Assembleia de Deus. O tema união foi recorrente em toda a sua prédica, indicando que a solução do problema retórico estava condicionada à formação de um consenso em torno da escolha do seu nome para a presidência da AD de Belém, feita pelo respeitável líder pastor Firmino. A partir da identidade e autoridade desse líder, Samuel Câmara procurou reforçar suas credenciais, a fim de conquistar a *legitimação*[12] para ocupar o cargo de presidente da igreja da capital paraense, de cuja investidura ele era ator naquele momento. Ou seja, o ator buscou no autor a legitimação para sua representação e representatividade.

11 "Retor – aquele que age retoricamente; comunicador que produz e/ou apresenta mensagens retóricas" (Halliday, 1987, p. 100)

12 Adaptando o conceito de legitimação organizacional, oferecido por Halliday (1987, p. 100), definimos legitimação como "o processo de fomentar e manter a legitimidade através da apresentação de credenciais que justifiquem a existência, as atividades, o comportamento e os objetivos" dessa liderança que está emergindo no mesmo processo.

Quando o pastor Câmara falou de *recomeço*, ele estava retomando o modelo do movimento pentecostal, que tenta recriar o "batismo com o Espírito Santo", as emoções, o "dom de línguas", e todas as suas consequências, verificadas em atos de proselitismo e de formação de uma comunidade exaltada, fervorosa e fanática mesmo, em tudo aquilo que realiza. Esse recurso à tradição institucional foi sacralizado na peroração do retor, através de argumentos bíblicos do derramamento do Espírito sobre toda carne, com sonhos e visões de velhos e jovens, filhos e filhas, porque, disse o Senhor Jesus: "Eu edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" – lembrava o orador. Apesar da grande dose de exaltação e otimismo, o novo presidente não escondeu as dificuldades que estavam presentes no seio da igreja, quando falou de desunião e ciúme entre pastores antigos e novos, mas foi bastante breve nessa menção. A quase totalidade do tempo foi dedicada em realçar as virtudes da Assembleia de Deus e dar um tom ufanista ao seu ato retórico.

Toda retórica organizacional visa construir uma realidade através de palavras. Essa realidade é elaborada com *alegações cativantes* e *apelos* (Halliday, 1987, p. 24-26). São exemplos da primeira categoria, no presente caso, frases do tipo:

> 'somos uma igreja só';
> 'o Senhor Jesus é o nosso Senhor';
> 'quando a gente está no meio da bênção do Senhor Jesus, nada, nada, nada mesmo nos separará';
> 'vocês levaram prodígios ao céu' (referindo-se à torre da TV Boas Novas).

Os apelos foram formulados, com ênfase maior na necessidade de todos se unirem para a continuidade e ampliação da obra da igreja não só em Belém, mas no Brasil e, quiçá, em escala mundial:

> 'nenhum de vocês é indispensável';
> 'bom é vivermos unidos na graça de Deus';
> 'fomos chamados para andar por essas mesmas ruas e viver nos mesmos tempos [dos nossos heróis]... tempos de recomeço';
> 'vamos fazer que o inferno esqueça que é capaz de nos encher de espíritos'.

Todos os apelos foram do tipo emocional, *pathos*, segundo a classificação aristotélica de análise dos atos retóricos (Halliday, 1987, p. 25) e recorreram ao recurso externo da fé em um poder transcendente.[13] Também fizeram alusões a "uma herança cultural comum, nomes respeitados, figuras históricas, provérbios, eventos e personagens familiares" (1987, p. 32).

Conclusão

A análise desse processo de transição no governo da Assembleia de Deus de Belém, como situação retórica, permitiu-nos perceber que havia sido criada uma situação problemática, quando a escolha do novo presidente não foi realizada nos moldes tradicionais, que consistia em preparar um pastor-auxiliar, nomeá-lo copastor da igreja, mantê-lo nessa função até estar preparado e reconhecido pelos seus pares para assumir a função de titular.

Uma avaliação desse processo sucessório atípico indica que a situação incômoda foi resolvida naquele momento da posse através dos atos retóricos realizados. A prova está em que o pastor Samuel Câmara continua detendo o controle da AD de Belém, dirige a Rede Boas Novas e é, atualmente, a liderança mais conhecida da Assembleia de Deus do Pará, no âmbito social regional e nacional. O mais importante é que ele conseguiu ampliar a rede de congregações, das 170 que havia recebido do pastor Firmino para mais de 300 templos, na área metropolitana de Belém, entre janeiro de 1997 e fevereiro de 2002.

Apesar dessa forte liderança, o pastor Samuel não tem conseguido estender sua influência para o âmbito estadual interno. Por três vezes ele tentou ser eleito presidente da Convenção Paraense e sempre foi derrotado pelo pastor Gilberto Marques que sempre vem obtendo maioria no colégio eleitoral, composto por pastores do interior do estado do Pará. Mesmo na jurisdição da igreja de Belém, há muitos insatisfeitos com o estilo de liderança do pastor Câmara, conforme tivemos ocasião de verificar em entrevistas realizadas no âmbito da nossa pesquisa de mestrado. Contudo, ele consegue ser aprovado pela maioria da liderança e membresia da igreja em Belém.[14]

13 "A transcendência é o cerne da legitimação religiosa, no sentido mais amplo. É o processo pelo qual a realidade de uma instituição é definida como sendo fundamentada na realidade última do universo" (Halliday, 1987, p. 43, com base em Berger, Peter. *The sacred canopy*. N. Y.: Doubleday, 1967, p. 36-37).

14 Estas avaliações acerca da extensão dos campos de influência dos líderes Samuel Câmara e Gilberto Marques nas Assembleias de Deus do Pará foram feitas em 2005. Portanto, devem ser consideradas dentro desse limite histórico.

Finalmente, podemos afirmar que a decisão arrojada do pastor Firmino, de entregar a presidência da igreja para uma liderança da nova geração, projetou a Assembleia de Deus de Belém em outra etapa de sua história, com aceleração no crescimento e fortalecimento do projeto de mídia, bem ao estilo do seu novo pastor. Não é nossa intenção discutir os méritos ou deméritos dessa modernização, suas linhas ideológica e teológica, seu papel na inserção da igreja como ator social e político e outros aspectos que mereceriam abordagens específicas. Contudo, concluímos afirmando que esse processo trouxe, como ingredientes mais visíveis, uma presença maior da igreja no campo da política, utilização mais intensa dos seus meios de comunicação de massa, estímulo à educação continuada dos pastores veteranos, incentivo para os novos buscarem formação universitária e liberalização em alguns hábitos e costumes, esta, talvez, a área que tem provocado mais controvérsias no interior da igreja.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1991.

BORGES, Jonas. *Firmino Gouveia, um empresário de Deus*: sua vida e sua obra. Belém: Semin, 1997.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado*: organização e *marketing* de um empreendimento neopentecostal. 2ª ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio; Umesp, 1999.

CAMPOS Jr., Luís de Castro. *Pentecostalismo*: sentidos da palavra divina. São Paulo: Ática, 1995.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro*, in:* ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios*: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *Pentecostalismo*: seminário Unipop. Belém: Unipop, 1996.

HALLIDAY, Tereza Lúcia. *A retórica das multinacionais*: a legitimação das organizações pela palavra. São Paulo: Summus, 1987.

_____. *Atos retóricos*: mensagens estratégicas de políticos e igrejas. São Paulo: Summus, 1988.

_____. *Discursos legitimantes*: a construção retórica da realidade em quatro atos de comunicação pública. Recife: Imprensa Universitária/Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1996.

SIEPIERSKI, Paulo D. A emergência da pluralidade religiosa (Parte 1). *Reflexão e Fé*: revista teológica do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, Recife, ano 1, n. 1, ago. 1999. (Nova Série).

WEBER, Max. A "objetividade" do conhecimento nas ciências sociais*, in:* COHN, Gabriel (org.). *Weber*. São Paulo: Ática, 1991. 167 p. (Grandes cientistas sociais, 13).